Anno 16.º — Sabado, 8 de Setembro de 1923 — N.º 793

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPRFZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

Os feriados

Que abençoada terra a nossa!

Na terça-feira lá tivemos mais um feriado mandado, á ultima hora, telegraficamente, pelo governo. Comemorava-se o aniversario das operações militares ao sul de Angola e, é claro, data historica que apareça hade dar sempre motivo a que o trabalho das repartições paralise e nesse dia ninguem faça o minimo esforço com utilidade ou interesse para o país.

Tudo quieto, minha gente. Tudo parado. Tudo ao alto.

Pois nós somos de opinião que um país arruinado como o nosso precisa de tomar outro rumo. Deixemo-nos de tanto feriado, de tanta festa, de tanta pandega. E' necessario trabalhar mais do que nunca. E' necessarlo aproveitar todo o tempo. E' preciso que os governos se capacitem dos seus deveres e olhem menos para as datas que passam, deixando-se de constantes e fastidiosas comemorações.

A proposito de tudo e a proposito de nada, francamente, até chega a ser aborrecido.

Francisco Vieira da Costa

Fez na quinta-feira anos este nosso presado amigo de infancia, a quem nos prendem indossulu-veis laços de estima, de afeição, quasi de ternura. E' que Vieira da Costa pertence ao numero daqueles que se impõem pelo caracter e não sabem faltar, na hora propria, ao cumprimento dos seus deveres.

Aveirense prestimoso, cêdo começou a luta pela vida, partindo para a Africa onde, á custa de insano trabalho, honesto, persistente, poude conseguir uma situação de destaque, tornando-se conhecido em toda a provincia de Angola, que o aprecia e estima como um elemento de labor dos mais activos, inteligentes e criteriosos. Faz honra, por isso, á nossa terra. Dá-nos prazer. Enche-nos de orgulho. Desvanece-nos. Porque não ha nada que satisfaça mais a nossa sensibilidade de aveirenses do que vermos elevarem-se por si quantos um dia nos deram ensejo a considera-los homens dignos, conservando, ininterruptamente, essa nobre qualidade.

Vieira da Costa atingiu meio seculo. Edade de respeito, da nossa obrigação é curvarmos perante ela os nossos quarenta anos, cheios de cabelos brancos, é certo, mas vigorosos, aprumados, para o cingirmos num grande abraço com que nos associamos ao jubilo experimentado pela sua numerosa e adoravel familia no dia de ante-ontem e que oxalá se repita ainda por dilatados setembros em fóra no meio da alegria que brota, expontanea, no seu lar transformado em verdadeiro ninho de amor.

Humberto Beça

O antigo deputado, sr. dr. Artur Pinto Basto, acaba de nos honrar com as seguintes linhas sobre o malogrado amigo que perdemos e de quem sempre nos havemos de lembrar com viva saudade:

...Sr.

Li em alguns jornaes, sempre com verdadeiro interesse, diversos artigos de Humberto Beça, deixando-me, todos, a impressão de que o seu auctor possuia talento, erudição, criterio e o amor do trabalho, pelo que me penalisou devéras a noticia da sua morte.

No digno director de *O Democrata*, sabia eu, tinha o saudoso extinto um verdadeiro amigo; mas ignorava que Humberto Beça fosse tão superiormente apreciado como o deixou ver *O Primeiro de Janeiro*, ao referir-se ao seu desaparecimento.

Lendo o numero de *O Democrata* consagrado á sua memoria, completei o meu juiso a respeito de Humberto Beça, sob o duplo aspecto da sua estatura intelectual e moral, apreciando imensamente as palavras com que o meu querido amigo dr. Alvaro de Eça se referiu ao distinto homenageado.

Aquele a quem considero o vulto mais prestigioso e respeitavel do concelho de Aveiro era incapaz de escrever uma só palavra que não irrompesse espontanea da sua alma, que não fosse ditada pela sua clara inteligencia e que não merecesse o aplauso da sua consciencia; assim fiquei certo de que Humberto Beça era um homem de grande valor cujo falecimento constitue uma perda sensivel sobretudo pelo abatimento moral em que a sociedade portuguêsa se vai dissolvendo.

Sob esta dolorosa impressão, remeto a V. a inclusa quantia de 3$60, pedindo o obsequio de a distribuir por 12 pobres dessa cidade, sufragando a bela alma (pois o saudoso extinto era cristão) de Humberto Beça.

Ao terminar, ocorre-me uma pregunta em que circunstancias ficou a desolada familia se apenas tinha, como unico recurso para as necessidades da vida, o seu chefe estremosissimo?

Com toda a consideração, sou

De V. etc.

O. de Azemeis, 28-8-1923.

Artur da Costa Souza Pinto Basto

Acedendo aos desejos do signatario desta carta, coração magnanimo sempre aberto á pratica do bem, distribuimos a quantia enviada a Justa Salgueiro, Maria Joana, Maria das Dores Pitarma, Maria Inocencia, Elvira de Matos, Violanta (céga), Rosa Rebelo, Paula Rebelo, Maria Chiça, José Manhanhas, Claudio Pinto e Luiz dos Santos, que agradecem muito reconhecidos.

Contribuições em pagamento

Na tesouraria deste concelho estão em pagamento, durante o corrente mez, as contribuições predial rustica e urbana de 1922-1923.

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

IX

Interpretação logica dum telegrama

O encerramento da egreja
Primeiros agravos

No dia 19 de julho, certo, certissimo mesmo, que não existia o telegrama a que se referira o ex-governador civil, Costa Ferreira, conclusão a que cheguei em face do oficio já transcrito da Direcção Geral de Belas Artes, assegurando que, por seu intermedio, nenhuma auctorisação fôra dada ao ex-governador, — oficiei-lhe para que me enviasse copia autentica desse telegrama.

No dia seguinte, fui surpreendido com a sua copia. Ei-la:

Telegrama

1 de maio, data de expedição (fls. 157)

«Auctoriso abertura capela anexa Muzeu».

Ministro Instrução,
(a) *Augusto Nobre.*

* * *

Prometi ser justo e não o seria se não fizesse reparos á deliberação do Ex.mo Ministro, *revogando*, num simples telegrama, *expedido directamente do seu gabinete*, uma ordem de serviço *expedida por intermedio da Direcção Geral das Belas Artes*, fls. 144 do proc. A) *e já executada oficialmente* (auto de aposição de selos a fls. 145).

Foi este acto ministerial, extra-regulamentar e contrario ás normas regulares do serviço publico oficial, que levou o ex-governador civil, pela sua imbecilidade, á pratica das maiores violencias.

Entretanto a maroteira concedida a pedido do sr. Silverio Barbosa de Magalhães, tinha sido aproveitada pelo ex-governador civil, Costa Ferreira, pelo director arguido, Marques Gomes e seus acolitos para conseguirem, em Lisboa, que o Ex.mo Ministro contrariasse o meu proposito de encerrar a egreja.

Efectivamente, a instancias creio que do sr. dr. Alfredo Nordeste, recebi o seguinte

Telegrama

expedido ás 13 horas do dia 21 entendido em Aveiro ás 14.44 h. (fls. 161)

«Por telegrama 2 de maio auctorisei governador civil manter capela aberta que assim deve continuar até apresentar rasões que me determinem o ordenar encerramento».

Ministro da Instrução,
(a) *Augusto Nobre*

Redigi, como resposta, o seguinte

Telegrama

(fls 160)

«Fazendo egreja parte integrante Muzeu, seu encerramento e selagem foi ordenado por V. Ex.a em ordem serviço oito abril, sendo certo que por telegrama em maio foi auctorisada abertura egreja desde então na posse pessoas absolutamente estranhas serviço Estado, bastando este facto e o da egreja ter comunicações Muzeu para que V. Ex.a conhecendo-os, mantenha ordem de serviço. Cincoenta metros egreja anexa Muzeu, existe egreja matriz onde se realisam actos do culto, sendo injustificavel teimosia, insistencia abertura primorosa egreja. Se até amanhã não receber ordens contrarias farei cumprir primitiva ordem V. Ex.a, encerrando egreja».

* * *

No momento em que o meu secretario, sr. Alfredo Mendes, sahia para fazer expedir o telegrama supra, recebi este outro.

Telegrama

expedido ás 13 horas do dia 21 e entendido em Aveiro ás 15,6 h. (fls. 162)

«Informações posteriores ao meu telegrama ilucidam sobre assunto. Convém, pois, *fechar já* de qualquer maneira porta capela *para que esta continue aberta*. Por causa protestos recebidos».

Ministro Instrucção,
(a) *Augusto Nobre.*

Achando algo confusa a redação deste telegrama, encarreguei o meu aludido secretario de ir á estação telegrafica afim de obter a rectificação do conteudo do telegrama, «tendo ali sido informado que nenhuma rectificação tinham a fazer». (informação a fls. 160 v).

Tinha, portanto, que interpretar o telegrama cumprindo os desejos do Ex.mo Ministro.

A egreja de Jesus fazia parte integrante do Muzeu, que, por ordem de serviço do Ex.mo Ministro, tinha sido encerrado e selado, tendo sido, e muito bem, encerrada e selada *a egreja anexa*. Motivos poderosos que do processo não constam, levaram a tanto o Ex.mo Ministro.

O telegrama de 1 de maio,— pensei!—auctorisando a sua abertura, expedido nas condições anormais em que o foi, pelo gabinete teria sido originado numa natural precipitação agora conhecida,— supuz.

Assim conclui que entre as palavras *esta e continue, faltára* o adverbio *não*.

No mesmo dia, 21 de julho, fiz expedir para o Ex.mo Ministro da Instrução o seguinte

Telegrama

(fls 162 v.)

«Cumprimento ordens ultimo telegrama V. Ex.a vou imediatamente proceder encerramento egreja, permitindo-me felicitar V. Ex.a sua deliberação tendente a resguardar tão primorosa joia artistica».

Quando, pronto já o telegrama, o meu secretario se dispunha a faze-lo expedir, anunciavam-me a presença do padre João Pinto Rachão, que imediatamente fiz introduzir o meu gabinete.

Vinha visivelmente radiante; a sua natural palidez e taciturnidade tinham desaparecido. Era outro, positivamente.

A alegria retratava-se-lhe no rosto.

Disse a que vinha: *chegado do governo civil, ali levado por noticias particulares, soubéra que, expedido de Lisboa, existia um telegrama comunicando que o Ex.mo Ministro determinara ao sindicante que não fechasse a egreja; que, supondo não ser de mim conhecida tal ordem, se apressára a comunicar-ma, com o que procurava evitar que o meu designio se efectivasse.*

Contrariado, disse ao padre Rachão que pensava quando se fez anunciar, em solicitar a sua comparencia para o prevenir de que o cumprimento dum dever me forçava a ir encerrar imediatamente a egreja.

Na verdade, fôra-me comunicado, telegraficamente, que até justificação minha que determinásse o encerramento, a egreja devia conservar-se aberta.

Era absolutamente certo.

Mas...

Além desse telegrama recebera um outro, ordenando-me o encerramento imediato da egreja, telegrama que li, bem como a resposta dirigida ao Ex.mo Ministro.

Já de posse do seu aspecto triste e côr macilenta, o padre Rachão ficou como que petrificado!

Compreendi tudo: a sua alegria e a sua felicidade tinham sido uma quiméra, um caprichoso producto da imaginação doentia dos amigos que, em Lisboa, tem o director arguido, Marques Gomes.

E, só eu, posso com exactidão avaliar a magua, o enorme desgosto que senti, e ainda hoje me peza, ao ver-me forçado a chamá-lo á realidade, roubando-lhe o goso da felicidade e alegria!

Que m'o perdôe, levando o meu acto á conta das tremendas culpas dos amigos do arguido Marques Gomes.

Lamentou-se o padre Rachão de não poder, por carencia absoluta de tempo, antecipar a cerimonia religiosa a realisar no dia 23, nem transferi-la. Lamentou-se, simplesmente. Não proferiu uma palavra sequer indicativa do desejo de que a egreja de Jesus, se conservasse aberta até ao dia 23.

O padre Pinto Rachão nada pediu, afirmo-o por amor á verdade e em homenagem aos educadores do seu espirito liberal...

Fui eu quem muito expontaneamente mais uma vez transigi, disposto a afrontar quaisquer más consequencias do acto que ia praticar, levado pelo meu espirito de absoluta tolerancia e de respeito pelas crenças religiosas, que não tenho, das pessoas promotoras da cerimonia.

Assumindo a responsabilidade que espero me será relevada,

conservei aberta a egreja de Jesus até ao dia 24, ás 13 horas, e, portanto, muito depois das ordens recebidas para o seu encerramento e da informação dada—o telegrama foi logo expedido—de que imediatamente as ia cumprir.

Limitei-me nesse dia 21 de julho, a fechar e selar a porta de vidraça, que, pelo interior do Muzeu, dá ingresso para o côro superior; a fechar e selar as portas que da sacristia interior davam passagem para o altar mór e para a egreja, ficando esta completamente livre, bem como a sacristia exterior, deligencia a que, entre outras pessoas, assistiu o padre Pinto Rachão (auto a fls. 163).

* * *

A noticia deste facto correu vertiginosamente na cidade, adulterando-o cada um, segundo as suas conveniencias.

(Prossegue no proximo numero)

Barra e Costa Nova

Estão muitissimo animadas, trasbordando de banhistas, as duas praias do nosso litoral onde, além de muitas familias de Aveiro, se encontram outras, vindas de longes terras.

No domingo visitou um grupo da Costa Nova, presidido pelo sr. dr. Cesar Fontes, o *sobado* da Farolandia onde lhe foi dispensada recepção condigna com musica, fogo e discursos apropriados á bexiga em que essa visita assentou.

Os srs. drs. César Fontes e Francisco Ferreira Neves não podiam ser mais felizes nos discursos proferidos na Assembleia, conservando em constante hilariedade todos quantos tomaram parte na desopilante festa de confraternisação.

Entre as inumeras piadas com espirito queremos destacar a ideia do *museu*, cujo recheio era realmente digno de atenção pela graça em que tudo se achava disposto e anotado.

Sim, senhor: a Farolandia é um grande país e tem coisas como não ha em parte alguma. Nem na Gafanha...

Necrologia

José Barbosa

Está de luto a imprensa republicana pelo falecimento do distinto jornalista, que desde os agitados tempos do *Ultimatum*, colaborando no diario academico *A Patria*, jámais deixou de ser um elemento de valor, como tal considerado no meio dos que activamente se dedicavam á propaganda contra a monarquia.

Sentimos a perda do indefectivel republicano, que algumas situações de destaque e preponderancia politica conseguiu a dentro do novo regimen.

* * *

Na Guarda deixou de existir tambem o sr. Amadeu Madail, natural de Ilhavo. Era filho do sr. dr. Manuel Maria da Rocha Madail, oficial do governo civil, a quem endereçâmos sentidos pesâmes, bem como á restante familia enlutada.

* * *

Num quarto particular do hospital finou-se egualmente ás 4 horas de ontem o sr. dr. José Tavares da Silva Rebelo, capitão medico aposentado. Era pae do adjunto da Capitania do porto de Aveiro sr. capitão-tenente Edmundo Tavares da Silva em cujo pezar acompanhamos.

Bernardo Torres

Subscrição para um mausoleu a erigir ao saudoso republicano e prestante cidadão, cuja campa se acha apenas marcada com o n.º 202.

Transporte	908$00
Firmino Fernandes	5$00
Eugenio Guimarães	5$00
José Martins	5$00
Dr. Pompeu Cardoso	10$00
Antonio Salgueiro	10$00
Luiz da Naia Junior	10$00
Lino Marques	20$00
João do Caes	5$00
Mario Duarte	5$00
Henrique Rato	20$00
Anonimo	5$00
Francisco Pereira de Melo	5$00
Adriaeo de Carvalho	5$00
Luiz Antonio da Fonseca e Silva	5$00
José Nunes da Ana (Arada)	5$00
Soma	1:028$00

O Eco de Vagos, referindo-se á nossa iniciativa, escreve:

O semanario de Aveiro *O Democrata* abriu nas suas colunas uma subscrição para um mausoleu a erigir ao saudoso republicano e prestante cidadão, cuja campa se acha apenas marcada com o n.º 202.

Bernardo Torres que era um republicano sincero que á Republida deu todo o seu esforço desinteressadamente, mesmo no tempo em que a maior parte dos seus actuaes *esteios* disfrutavam rendosas situações, servindo a causa da realeza. Foi, comtudo, votado ao mais completo abandono, mesmo pelos que dele receberam favores, salvo raras exceções, entre as quais se conta aquele nosso colega. E' pois, de justiça que todos contribuam para esta homenagem.

Desinteligencias

Por o sr. Governador Civil haver proposto para o substituir nos seus impedimentos o velho republicano José Casimiro da Silva, director da E. P. S., lavra, ao que nos dizem, funda divergencia entre os democraticos locaes e de... fora, que, não perdendo o habito de meter foice em seara alheia, aí andam constantemente a ensarilhar a politica, dando logar a que toda a gente os censure por esse procedimento nada honroso.

Bem sabemos que, hoje em dia, nada se pode fazer sem o beneplacito das *comissões*. As *comissões* são quem *tudo lo manda*. E o sr. Governador Civil talvez as não tivesse ouvido... Uma falta que lhe vai ficar cara, a menos que consiga ter a seu lado a paroquial de Malhapão, unica em que se pode confiar pela regidez de principios estabelecidos dentro do seu gremio.

O resto, o que se vê. Nem as aparencias se salvam.

Correios

Deve chegar hoje a esta cidade um empregado superior da Administração Geral dos Correios, para vêr o edificio onde funcionou a Companhia Aveirense de Navegação e Pesca e resolver sobre a sua aquisição.

Justo castigo

Um bombista desfechou, em Lisboa, a sua pistola contra o agente da autoridade que o havia capturado por fazer parte da Policia de Segurança, quando, antes, fôra camarada, e, depois, seu cumplice, do assassino, em atentados que os jornais registaram.

A traição em todos os tempos se pagou cara não sendo portanto de admirar que o denunciante morresse ás mãos do seu antigo companheiro de quem se tornou algoz.

Por Oliveira de Azemeis

O sr. dr. Pinho Rocha é o prototipo do pantomineiro ganancioso

Desfiando o rosario, sou a dizer que uma vez foi chamado a clinicar um rapaz que, devido a uma queda de biciclete, se tinha ferido num dos polegares e cuja assistencia, desde o primeiro curativo, estava confiada ao sr. dr. Adriano Pinheiro, medico residente no Couto de Cucujães, freguezia a que pertencia o ferido. Sabendo o *dr. Bismuto* pelo portador da chamada quem era o assistente, disse que não podia ir sem receber desse colega carta de autorisação, *porque era seu amigo*. Este porquê justificativo de tanta delicadeza clarividencía que para o sr. dr. Pinho Rocha a deontologia medica não é um codigo de deveres profissionais, mas um livrinho de amabilidades para amigos (enquanto convier) e um manual pratico para escoucear inimigos. E' uma deontologia extravagante, uma deontologia de magarefe. Mas... a verdade é que não foi sem primeiramente chegar a carta de autorisação, que o mesmo portador foi pedir ao dr. Pinheiro e que este gostosa e solicitamente escreveu, satisfazendo o pedido duns e o desejo d'outros.

Depois de lida a carta, o sr. dr. Pinho Rocha partiu imediatamente para casa do ferido, cogitando todo o percurso, não nas diferentes hipoteses e respectivas maneiras de fazer a terapeutica, mas a pôr em equação as probabilidades de rendimento que dessa assistencia podia auferir, tanto pelo numero de visitas e curativos como pela situação deploravel em que ia colocar o dr. Pinheiro, abrindo dest'arte de par em par á sua clinica as portas de entrada do Couto de Cucujães.

A ambição absorve-lhe todo o tempo de vigilia e parte do que ressona.

Abeirando-se do ferido, com ares catedraticos examinou-o, assentando no diagnostico de *tetano*. De semblante contristado retirou-se, sendo seguido por amigos, visinhos e familiares do rapaz, que anciosamente esperavam ouvir da douta boca do milagroso clinico a garantia da cura. A distancia do quarto do ferido, em breve transformado em pobre camara ardente, parou todo esse sequito de anciosos e admiradores, que á volta do doutor fizeram circulo para ouvir, no mais religioso dos silencios, a sentença do divino mestre. De labios tremulos e quasi a debulhar-se em lagrimas, o *ilustre* clinico principiou, como sempre, o seu magistral discurso, patenteando o profundo arrependimento, que lhe dilacerava a alma, por ter acedido á chamada, pois, se de antemão soubesse o estado desesperado do rapaz, recusava-se só para não ter o martirio de vêr assim morrer um homem a quem tantas simpatías e mesmo amisade (conhece-lo-ia?) o prendiam. E, numa voz de revoltado, pela espinha dos caros ouvintes fez correr o arrepio da indignação, exclamando: *Se me tivessem chamado mais cedo, tinha salvo o rapaz. E' tarde, muito tarde. O rapaz está a morrer com o* tetano. *E podia-se ter evitado esta morte, se o medico assistente tivesse cumprido com os seus deveres, lhe tivesse aplicado umas injecções.*

Incutiu no espirito dos circunstantes a ideia de que o dr. Pinheiro foi o causador da morte, assassinou o rapaz com o seu desleixo, quando o unico e autentico assassino, que em todo este desgraçado caso apareceu, foi o sr. dr. Pinho Rocha que, pelas costas anavalhou a reputação do colega e *amigo*, tentando feri-la mortalmente para encher o bolso!

Para mim não é de estranhar, porque lhe conheço bem o feitio, o temperamento e a rica alma, porque sei que é capaz de tudo, contanto que daí lhe venham proventos. Mas deve ter causado admiração e nojo aos que ainda ha pouco lhe ouviram dizer que era *amigo do dr. Pinheiro* e aos que tiveram conhecimento de que, nas ultimas eleições camararias, os nacionalistas do concelho, de que é marechal o sr. dr. Pinho Rocha, mancomunaram-se com os monarquicos, de que é soldado fiel e dedicado o sr. dr. Pinheiro. E é caso para isso, porque amigos destes são os peores inimigos e porque bem depressa, como marechal, despedaçou os laços desse matrimonio implorado pelos nacionalistas, na aparencia incestuoso. E' preciso haver cautela nas apreciações, não se deixar levar pela impressão primeira, não examinar superficialmente, imbuindo-se nas tretas de qualquer pantomimeiro.

Entre o sr. dr. Pinho Rocha e o sr. dr. Pinheiro ha uma grande linha de separação, uma grande diferença. Este é um monarquico que tem a nobilitante franqueza de neste turbilhão de egoismos, de vampiros esfomeados, se apresentar tal como é, sem disfarce politico algum. E' um dos poucos adversarios que me merece todo o respeito e consideração. Aquele é um republicano fingido, é um real camaleão de fauces escancaradas e de bolsos em alforge. O sr. dr. Pinho Rocha pertence ao grande numero dos que me merecem repulsa pela falta de caracter, que me despertam odios pela sua falta de patriotismo. O sr. dr. Pinheiro tem sido sempre monarquico. O sr. dr. Pinho Rocha tem sido tudo em politica e ainda ha de ser socialmente mais alguma cousa em destaque. E' assim que eles se iniciam e é necessario não esquecer que o vento lhes sopra a favor.

O sr. dr. Pinho Rocha ejaculou nos seus ouvintes a convicção de que o seu colega Pinheiro matára o rapaz, quando isso é uma infame mentira! Como não póde resolver integralmente a equação que estabeleceu durante o percurso até casa do doente, esforçou-se pelo bom exito da queda clinica do colega, o segundo valor da incognita. E durante algum tempo levou a agua a seu moinho; depressa, porem, se fez luz sobre o caso, descendo sobre os espiritos em revolta a tranquilidade e a reflexão. E essa gritaria, que de quasi todas as casas do Couto ululava vingança e cheirava a cadaver, se foi apagando, já não se ouvindo dizer, como então, que *não procurassem o dr. Pinheiro que este matava os doentes, que fossem recorrer a outro medico*, saindo da boca dos incapotados agentes do sr. dr. Pinho Rocha, e em tom de sincera amisade, a lembrança de *chamar este clinico, o medico mais sabio destes arredores*. Já de raras bocas se ouve este suez insulto, porque *a mentira é de pouca dura*. Desmoronaram-se os castelinhos e o alforge, que o sr. dr. Pinho Rocha confeccionou para receber os proventos dessa sua nova clientela, ainda ecôa muito a vazio. A reputação do sr. dr. Pinheiro desta vez ainda resistiu ás facadas do sr. dr. Pinho Rocha, que é amigo e inimigo, correligionario e adversario consoante a bolsa o aconselha.

* * *

Mas não foi com o tetano que o rapaz morreu. A causa da morte foi a septicemia gazosa. O microbio do tetano não podia existir na ferida quando o sr. dr. Pinho Rocha o observou e desde o momento em que se deu o desastre; o que existia, espalhado pelo organismo, era o vibrion septico.

Atravez da ciencia e sò da ciencia examinemos este caso.

O microbio do tetano pulula á superficie das feridas e das suas aufractuosidades, não se entranha nos tecidos, não se desloca no organismo, não emigra. O vibrion septico uma vez em contacto com uma superficie desmedida, espalha-se pelo corpo, alcançando os pontos mais distantes, imiscuindo-se na mais profunda intimidade dos orgãos.

O microbio do tetano produz os seus horrorosos efeitos somente pelas toxinas que segrega e que, entrando na circulação geral, atacam os centros nervosos. O vibrion septico pulula á superficie das feridas, desce ás aufractuosidades, infiltra-se nos tecidos, galga distancias, atinge os orgãos mais profundos. Aquele instala-se, não flaina; este movimenta-se, podendo ir a toda a parte produzir, tanto por si como pelas suas toxinas, os seus estragos, que são terriveis e tão terriveis que podem *matar rapidamente*.

Por aqui já se vê que no tetano se pode pôr um dique ás suas toxinas, eliminando da ferida todos os seus microbios, quer por meio duma amputação, quer por meio duma rigorosa antisepsia ou asepsia, enquanto que o mesmo não se pode fazer com o vibrion quando este se acha dessiminado pelo corpo. Com o tetano, dum momento para outro, pode-se terminar com o ataque microbiano, suster a torrente das toxinas, ficando limitada a terapeutica á neutralisação destas e reparação possivel dos estragos. Com o vibrion septico, a defeza será feita em *étapes* sucessivas, ao mesmo tempo que se neutralisam e eliminam toxinas e se fazem as reparações possiveis, visto o ataque ser feito em poderosas guerrilhas sobre diferentes pontos simultaneamente. Se os estragos causados podem ainda reparar-se, é mais facil curar um doente com o tetano do que com a septicemia gazosa, porque o vibrion não se elimina tão facilmente como o microbio do tetano e o organismo pode já não ter a resistencia suficiente para aguentar os ataques sequentes.

Alem disto, o vibrion septico actúa só por si e logo que esteja sobre a ferida, e o tetano póde ficar instalado dias e dias no ferimento sem se fazer sentir, sendo indispensavel para accionar haver associação microbiana. E ambos se encontram no solo.

Qual dos dois salpicou a ferida no momento do desastre? Pelo desenrolar dos acontecimentos foi o vibrion. Vejamos. Logo depois do desastre foi feito pelo dr. Pinheiro o primeiro curativo que consistiu na desinfecção e em pontos de sotura. Tres ou quatro dias depois, de novo volta o rapaz ao dr. Pinheiro, queixando-se das dores atrozes que sofreu nos primeiros dias e dizendo que foram amainando pouco e pouco, não sentindo o dedo naquela ocasião. Levantado o penso, viu o medico o aspecto gangrenoso e retirados os pontos gazes sopraram cheiros repugnantes. A gangrena gazosa existia, não havendo a mais passageira contracção muscular nem o mais leve esboço do *sorriso sardonico*, sintomas predominantes do tetano, apezar de já haver *associação microbiana*.

Em face deste quadro resolveu o dr. Pinheiro fazer a amputação do dedo. Concluida a operação e antes de fazer a *toilette* ao côto, o medico assistente, num excesso de cuidados, numa altruista meticulosidade, ruborisou o termo-cauterio e fez uma perfeita escovagem a toda a superficie sangrenta. Qualquer microbio que aí estivesse acantonado tinha sido destruido. O microbio do tetano não resiste á ignição. A asepsia do côto assim realisada e mantida pelos pensos sangrentos confirmou-se pelo bom aspecto dos tecidos. A infecção local desapareceu. E durante os dias sequentes á operação, em que veiu fazer o curativo ao hospital, nada de anormal se viu, nenhum sinal de mau prognostico se esboçou; aliás o enfermeiro tinha cumprido com o seu dever, avisando o medico assistente de qualquer complicação. E este nunca recebeu más novas do enfermeiro. No fim dalguns dias e de repente sentiu-se mal. Chamam o sr. dr. Pinho Rocha. Passam os factos descritos e o doente morre em poucas horas, notando-se só um pequeno trismus dos maxilares, que não lhe estorvou de falar até quasi ao ultimo suspiro, faltando-lhe as grandes contracções das extremidades e o sorriso sardonico.

Com taes antecedentes e com tal sintomatologia, aonde está o tetano?

Na verrinosa lingua do sr. dr. Pinho Rocha, esvurmando venenos que corroem a moral, a reputação e o bolso do dr. Pinheiro, de quem aquele egregio clinico se diz amigo e aliado politico.

E' sempre o dr. *Bismuto*, prendendo os sagrados direitos dos outros na sua algibeira de moleiro!

Lopes de Oliveira.

Medico

Notas mundanas

Fizeram anos no dia 3 o sr. Arnaldo Alves dos Santos, de Coimbra e o menino Mario Vieira da Costa.

— No dia 4 passou tambem o aniversario do sr. Francisco Augusto da Silva Rocha.

— Acha-se a passar a estação calmosa em Ferragudo o sr. José Guerra, ha pouco consorciado com a sr.ª D. Berta Craveiro, de Ilhavo.

— Deu á luz uma menina a esposa do sr. Manuel F. da Rocha Leitão, considerado negociante da nossa praça.

— Partiu para a praia da Torreira o sr. Agostinho Rodrigues Bela, importante industrial.

Imprensa

«A Folha de Trancoso»

Felicitâmos este nosso presado colega pelo seu 34.º aniversario, muito estimando que continue a marcar o mesmo logar de destaque na imprensa da provincia.

Benemerencia

Recebemos para entregar a Maria Fartura 1$50 com que o sr. dr. Artur Pinto Basto a costuma socorrer mensalmente.

Agradecemos.